

Literatura e Filosofia: as palavras como operadores lógicos nas obras literárias de Lewis Carroll

Literature and Philosophy: words as logical operators in Lewis Carroll's literary works

Rafael Montoito ¹

Resumo: O presente trabalho estabelece inter-relações entre literatura e filosofia, mais especificamente a partir da lógica simbólica, tomando como ponto de partida as obras literárias de Lewis Carroll. Carroll contribuiu, enquanto matemático de Oxford, para o desenvolvimento e popularização da lógica simbólica, sobre a qual escreveu diversos artigos e livros. A análise aqui apresentada visa a mostrar como elementos da lógica simbólica são por ele ressignificados para a narrativa literária, o que se pode perceber quando se coteja algumas palavras inventadas pelo escritor com os operadores lógicos de negação e conjunção. Para mostrar esta articulação entre literatura e filosofia, será discutida a elaboração de palavras novas, e como elas, ao manterem em si as estruturas lógicas, abrem espaços para que o estudante entenda a lógica simbólica não apenas pelas vias da racionalidade, mas também pelas da imaginação (esta constatação traz em si a declarada defesa de Carroll sobre a necessidade de o estudo destes tópicos ser prazeroso). O trabalho, além dos objetivos que dizem respeito ao estudo da lógica, tem ainda dois outros que o perpassam: ampliar as discussões acerca das inter-relações entre literatura e filosofia e contribuir para que o legado de Carroll seja melhor conhecido nos círculos acadêmicos.

Palavras-chaves: Literatura e Filosofia. Lewis Carroll. Lógica Simbólica.

Abstract: The present work establishes the interrelationships between literature and philosophy, more specifically from the symbolic logic, taking as the starting point Lewis Carroll's literary works. Carroll contributed, while he was a mathematician of Oxford, for the development and popularization of the symbolic logic, over which wrote several articles and books. The analysis here has the objective of showing how elements of the symbolic logic are redefined for the literary narrative, what can be noticed when someone compares some words created by the writer with the logical operators of denial and conjunction. To discuss this articulation between literature and philosophy, it will be discussed the elaboration of new words, and like them, when kept the logical structures, open spaces to make the students understand the symbolic logic, not only by the means of rationality, but also by the

¹ Graduado em Matemática (UFPel). Doutor em Educação para a Ciência (UNESP, Bauru). Pós-doutor pelo Department of English Literature (University of Birmingham, Inglaterra). Aluno do Bacharelado em Filosofia (UFPel). Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (Campus Pelotas). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8190742787917024>. E-mail: xmontoito@gmail.com

imagination (this finding contains in itself Carroll's declared defense about the necessity of the study of these topics to be pleasurable). Besides the objectives concerning to the study of logic, this essay has two others that permeate it: expand the discussions about the interrelationships between literature and philosophy and contribute to Carroll's legacy in order to be better known in the academic circles.

Key-words: Literature and Philosophy. Lewis Carroll. Symbolic Logic.

Introdução

As análises apresentadas neste artigo tiveram origem em outro espaço e tempo acadêmicos e foram se maturando, ao passar dos anos, em contato com muitas leituras e reflexões. Antes de as expor, julgamos pertinente resumir ao leitor nossa trajetória de pesquisas e como Lewis Carroll nos conduziu à Filosofia.

Os primeiros estudos que fizemos sobre Carroll datam de 2006 e, desde lá, suas obras têm sido por nós revisitadas constantemente à procura de traços e permanências de conteúdos e saberes matemáticos, dado nossa formação primeira. Entretanto, a matemática foi a porta de entrada para um vasto mundo literário que, não apenas dela, traz elementos que acenam para outras áreas do conhecimento humano.

Isto parece ser decorrência da personalidade plural que Carroll (pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson) desenvolveu em sua vida. Persona emblemática da Inglaterra vitoriana (1838-1901), produziu em múltiplos espaços entre seus 66 anos de vida (1832-1898): foi diácono da igreja anglicana, fotógrafo, escreveu artigos e panfletos sobre os mais diversos temas (vivisseção, críticas às reformas arquitetônicas da Christ Church, críticas a exposições de arte e peças de teatro, eleições etc) e obras literárias de distintos aportes, formas e temáticas (contos, poemas, jogos, charadas, sermões, tratados sobre tópicos de matemática e alguns livros que se propunham a ensinar determinados conteúdos) (COHEN, 1998).

A busca por entender qualquer uma das suas produções exige, do pesquisador, um olhar ampliado e inquisidor sobre o conjunto da obra. É ao sobrepô-las que elas revelam nuances escamoteadas e, talvez, vasões não intencionais do autor, mas que o leitor consegue identificar por uma exegese atenta e comparativa.

Sendo assim, este texto toma como ponto de partida um dos tópicos matemáticos mais caros a Carroll: a lógica simbólica. A partir dela, nos dispomos a procurar seus traços na

literatura carrolliana, dando destaque à estreita relação, criada pelo autor, entre algumas palavras e os operadores lógicos de negação e conjunção.

Vale destacar que as obras literárias de Carroll abrem espaços à criatividade e à imaginação, permitindo que o leitor as ressignifique. Entendemos que esta leitura ativa e inquisidora dos textos era esperada e incentivada por Carroll pois ele, por várias vezes, criticou o sistema de ensino tradicional:

‘Nosso professor favorito ficava mais obscuro a cada ano, e a cada ano nós o admirávamos mais – do mesmo modo que seus expertos em Arte consideram a *névoa* o mais belo de uma paisagem e admiram a vista com um deleite frenético quando na verdade não conseguem ver nada! Agora lhe contarei como isto acabou. Nosso ídolo lecionava Filosofia Moral. Bem, seus alunos achavam aquilo sem pé nem cabeça, mas sabiam tudo de cor, e quando chegavam os Exames, escreviam tudo aquilo no papel, e os examinadores diziam “Lindo! Que profundidade!” ’
‘E para que servia isso, *depois*, para aqueles jovens?’
‘Você não percebe?’ replicou Mein Herr. ‘Eles se tornavam professores e repetiam tudo aquilo novamente; e seus alunos escreviam tudo aquilo outra vez; e os examinadores aceitavam e ninguém tinha a mínima ideia de para que servia!’
‘E como isto acabou?’
‘Acabou assim: acordamos em um belo dia e descobrimos que ninguém mais sabia *sequer uma palavra* de Filosofia Moral. E se alguém quisesse aprender algo sobre isto, teria que fazê-lo sozinho.’ (CARROLL, 2005, p. 206)²

Sendo assim, nossas pesquisas têm se alicerçado na literatura carrolliana como uma forma de desfazer os padrões comumente conhecidos na educação atual: a literatura, aqui, é catalisadora de discussões outras, inter-relações várias e possíveis entre conteúdos e saberes distintos, numa manipulação pedagógica intencional que visa a romper a cadeia da repetição e das respostas formatadas.

Lewis Carroll e a lógica

Dois são os conteúdos matemáticos aos quais Carroll dedicou anos de docência na Christ Church, universidade de Oxford na qual estudou e foi professor até o ano de sua morte: geometria euclidiana e lógica simbólica. Em certa medida, ambos são heranças gregas condizentes à educação clássica vigente na Inglaterra dos seus dias.

Entretanto, se a Euclides Carroll por toda a vida se manteve fiel, inclusive lançando-se numa cruzada literária em sua defesa frente aos demais manuais didáticos que surgiam para o ensino de geometria (MONTTOITO, 2014; 2017), no que concerne à lógica ele foi mais

² Todas as traduções de textos que não foram consultados originalmente em língua portuguesa foram feitas por nós, motivo pelo qual assumimos qualquer responsabilidade.

ambicioso. *Symbolic Logic, Part I* (CARROLL, 1977), sua obra mais ambiciosa sobre a temática³, é dedicada a Aristóteles, mas Carroll tinha a intenção de chegar aonde o filósofo grego não tinha chegado. A partir do estudo de sua obra, Lindemann (2017) constatou que a teoria silogística carrolliana caracteriza-se “como uma extensão conservativa da silogística aristotélica” (LINDEMANN, 2017, p. 115), pois

ele usa técnicas similares às de seus contemporâneos em Cambridge e a possibilidade de leitura proposicional de seu método por subscritos exclui a possibilidade de classificá-lo como um lógico aristotélico que ignorava os avanços de seus contemporâneos. Sabemos que Carroll trocava correspondências com os principais lógicos da época e estava a par das principais discussões em lógica do período, mas, diferente de seus pares, Carroll não vinculava tantas pretensões à lógica. Ele jamais se interessou pela discussão sobre os fundamentos da matemática, que foi cara aos seus contemporâneos. O principal projeto lógico de Carroll consiste na criação de uma silogística ampliada, buscando possibilitar o reconhecimento de uma maior quantidade de formas válidas à silogística. A silogística ampliada de Carroll redefine a própria noção de silogismo (...). A principal diferença da silogística carrolliana em relação à silogística tradicional é a utilização de termos negativos. Aristóteles já havia reconhecido a possibilidade de termos negativos ao analisar a relação entre diferentes proposições, chamando-os de “nomes indefinidos”, mas os ignora em sua teoria silogística. (LINDEMANN, 2017, p. 39)

Além disso, Carroll atribui à lógica um olhar diferenciado, pois a chama ao campo da recreação. Não que a descaracterize como um assunto sério, mas lhe atribui o valor de uma importante recreação mental com a qual as crianças, ainda em tenra idade, poderiam começar a instruir-se. Com este pensamento, trabalha durante anos na criação de um jogo de tabuleiro no qual a posição de fichas coloridas (vermelha para a existência e cinza para a negação) representa as proposições de determinado silogismo. Regras que explicam em que parte do tabuleiro as fichas devem ser postas e como e quais podem, num segundo momento, ser eliminadas são partes do jogo que, ao final, revela a conclusão do silogismo. Este método de ensino, com o qual Carroll chegou a dar aulas e entreter crianças com quem tinha amizade (COHEN, 1998), foi publicado em *The Game of Logic*⁴ (CARROLL, 1980).

É importante que nosso leitor entenda a abordagem lúdica com a qual Carroll envolvia, sempre que possível, a lógica simbólica, pois é a partir deste reconhecimento da ludicidade que conseguimos identificá-la em suas publicações literárias. No excerto abaixo, Carroll deixa explícita sua opinião sobre a abordagem deste conteúdo:

Eu reivindico, para a lógica simbólica, um lugar muito alto entre recreações que têm a natureza de jogos e quebra-cabeças; e acredito que qualquer pessoa que realmente

³ A primeira edição foi publicada em 1896.

⁴ A primeira edição foi publicada em 1886.

tentar entendê-la vai achá-la mais interessante e mais envolvente que a maioria dos jogos e quebra-cabeças inventados até agora (...).

A Lógica Simbólica, quando comparada aos jogos e quebra-cabeças, tem uma característica *peculiar* que, em minha opinião, a coloca acima desses. O talentoso jogador de gamão, no processo de se tornar um bom jogador, recebeu, sem dúvida, uma grande dose de prazer que dá valor à vitória; mas, quando esse objetivo é alcançado, não tem mais utilidade para ele, exceto se o propósito for jogar, e ganhar mais vitórias, e possivelmente tornar-se o campeão de sua cidade ou país. Entretanto, o lógico abalizado não apenas se divertiu tanto quanto o campeão de gamão todas as vezes que trabalhou para chegar nesta posição como se percebe, estando nela, detentor de um “Abre-te, Sésamo!” que lhe dá acesso inesgotável e polivalente a uma caverna de tesouros. Ele pode aplicar suas habilidades em qualquer área do conhecimento humano: em cada uma delas, a lógica o ajudará a ter ideias *claras*, a *ordenar* apropriadamente seu conhecimento e, o mais importante de tudo, a identificar e desvendar as *falácias* com as quais se deparará em qualquer assunto do seu interesse (CARROLL, 1977, p. 45-46).

Com relação à lógica clássica, então, não seria errado afirmar dois pontos em que Carroll vai além do que Aristóteles nos deixou: a manipulação dos termos negativos e um entrelaçamento com o lúdico.

É neste segundo ponto que ele coloca a literatura em contato com a lógica e a utiliza de cenário, muitas vezes, para instigar o leitor a pensar logicamente. Sánchez-Rodrigo (1998), sobre a literatura carrolliana, aponta que o autor “elabora pacientemente sua obra ressaltando o riso da lógica mais brilhantemente sofisticada (...), convocando-nos a uma experiência mágica, conjurando com palavras impossíveis uma irreabilidade de incomensurável realismo” (SÁNCHEZ-RODRIGO, 1998, p. VI), enquanto que Leite (1986), sobre ambos os livros de aventuras da Alice, afirma que “não há nada por trás dos enredos e personagens (...) que não esteja rigorosamente referenciado, seja através de dados da própria existência de Carroll, seja através de inúmeras alusões literárias, científicas, lógico-matemáticas etc” (LEITE, 1986, p. 36).

Na verdade, as palavras de Carroll, ainda que pareçam fluir sem nenhuma direção, fluem em uma: na direção de ninguém, estão repletas de sentidos, cargas: uma insignificante piada resulta ser o fruto de um elaborado cálculo matemático, e através de um elaborado cálculo matemático se transforma, por fim, em uma insignificante piada – ou seja, uma fala repleta de sentido (PANERO, 2002, p. 24).

Na busca da compreensão destes sentidos, os quais várias vezes vêm envoltos por uma roupagem lógica, é que agora dirigiremos nosso olhar a algumas obras literárias de Carroll, assumindo que “interpretar não é (...) arrancar um significado que estaria escondido nas coisas. Ao contrário: é atribuir significados, a partir de uma série de vivências, às coisas que nos afetam” (GARNICA, 2015, p. 16, grifos do autor).

As palavras como operadores lógicos nas obras literárias de Lewis Carroll

Alice no País das Maravilhas é a obra mais conhecida de Carroll. Tal sucesso tem um quê de negativo, pois esta obra e sua continuação, *Através do Espelho e o que Alice Encontrou Lá*, eclipsaram as demais produções carrollianas, sejam elas literárias ou matemáticas (MONTTOITO, 2013). Dentre as literárias, várias não foram até hoje publicadas integralmente no Brasil, e as matemáticas são pouco estudadas no círculo acadêmico.

Carroll foi um criador de difícil classificação. Não escreveu uma “grande obra”, no sentido de Shakespeare; nenhum “grande romance”, no sentido de Thomas Hardy⁵ ou Henry James⁶; sequer foi um “grande poeta”, no sentido tradicional, pois quando escreveu poemas “sérios” foi quase sempre enfadonho ou no máximo competente dentro dos padrões vitorianos (...). É difícil, pois, explicar como esse não grande escritor tem exercido um fascínio cada vez maior em outros criadores, em críticos, em filósofos, matemáticos e lógicos.

Das obras de Carroll são os dois livros de Alice⁷, *Alice in Wonderland e Through the looking-glass*, que têm exercido maior fascínio para os comentadores, seguidos, em escala muito menor, pelo poema *The hunting of the snark*⁸. Numa escala ainda mais reduzida, nas citações e comentários, encontra-se o extenso romance *Sylvie e Bruno*⁹ (1ª parte, 1889; 2ª parte, 1893), simbiose de narrativa realista e de narrativa fantástica, em intercâmbio permanente. As outras obras de criação de Carroll, *Phantasmagoria and other Poems*¹⁰ (1869), *Rhyme? and Reason?* (1883), *A tangled tale*¹¹ (1885) e outras menores, são citadas apenas ocasionalmente, por especialistas. Ainda mais restrito é o círculo de comentadores que se referem às suas obras de matemática e lógica, entre as quais *Euclid and his modern rivals*¹² (1879), publicada com o seu nome real, C. L. Dodgson, e *Symbolic logic. Part I* (1896), publicado com o nome de L. Carroll. Entretanto, firma-se cada vez mais uma corrente de comentadores que consideram não ser possível um entendimento perfeito do sistema de referências carrolliano sem que se tenha uma noção aproximada, pelo menos, dos seus interesses na área científica, sobretudo na área das indagações lógicas (LEITE, 1986, p. 47-48).

⁵ Thomas Hardy (1840-1928), novelista e poeta inglês.

⁶ Henry James (1843-1916), escritor norte-americano que se naturalizou britânico um ano antes da sua morte.

⁷ Há diversas edições de *Alice no País das Maravilhas* e *Através do Espelho* publicadas no Brasil. A edição comentada que contém ambas as histórias (publicada pela Zahar em 2002) foi a que sempre utilizamos.

⁸ Há uma edição disponível em língua portuguesa: *A Caça ao Turpente* (Interior Edições, 1984).

⁹ Há uma edição disponível em língua portuguesa: *Algumas Aventuras de Sílvia e Bruno* (Iluminuras, 1997). Entretanto, esta edição não é composta de todos os capítulos das obras originais, mas apenas de alguns escolhidos pelo tradutor.

¹⁰ Desconhecemos qualquer publicação deste texto em língua portuguesa. O mesmo se dá com *Rhyme? and Reason?* e com *Symbolic Logic, Part I*.

¹¹ Há uma edição disponível em língua portuguesa: *Uma História Embrulhada* (Papyrus, 1992).

¹² Monttoito (2013) apresentou uma tradução desta obra para a língua portuguesa como parte de sua tese de doutorado. Posteriormente ela foi publicada com o nome *Euclides e seus Rivais Modernos* (Livraria Editora da Física, 2014).

É importante destacar, contudo, que nos parece equivocada a opinião de quem classifica os livros de Alice como sendo um livro infantil. Esta pode ser uma das leituras dirigidas às obras, mas é limitada e reducionista. De acordo com Claude Roy¹³ (apud THÉRIAULT, 2007), as aventuras de Alice merecem o status que atingiriam e a estima e o interesse que lhes são dirigidos porque “tudo está em *Alice*, a metafísica e a política, a moral e a imoralidade, a economia e a poesia” e que são eles livros que “responde[m] a todos os que se interrogam e lhe demandam ajuda”.

Um olhar mais amplo dirigido às aventuras de Alice tem possibilitado que estudiosos de diversos campos (Física, Semiótica, Psiquiatria, Filosofia etc) encontrem inter-relações entre elas e o nosso mundo. Tais inter-relações emergem da estrutura do nonsense que, além de ser um processo de elaboração da escrita, é, segundo Ávila (1996), a representação do espírito da época vitoriana: uma mixórdia tumultuada de constantes modificações que culminaram na Grande Exposição de Londres, em 1851.

As típicas manifestações culturais vitorianas, recortadas sobre o cenário poderoso da metrópole multifacetada, e refletindo-se na miscelânea do jornal diário – invenção ainda recente – apresentam como característica comum (também encontrada no *nonsense*) a justaposição de coisas totalmente disparatadas. A cultura do lazer desse período é marcada pela crescente popularidade dos jogos com palavras, charadas e palavras-cruzadas, em que **as palavras se relacionam umas com as outras por critérios que não levam em conta seu significado**. É notável, também, a multiplicação dos museus (nos quais os objetos mais diversos são colocados lado a lado sob o rótulo comum de “peça de exposição”), e dos dicionários nos quais a ordem alfabética tem prioridade sobre as relações semânticas – constituindo verdadeiros emblemas da crescente sistematização e codificação da vida cotidiana. **Nessas manifestações, as coisas só fazem sentido dentro de uma “sintaxe” arbitrária**. (ÁVILA, 1996, p. 20, grifos nossos).

A citação acima dá pistas para que tentemos entender a predileção de Carroll em brincar com palavras, criá-las, extrair delas todos os sentidos possíveis, distorcê-las; não é à toa que Humpty Dumpty, um dos personagens do segundo livro de Alice, é comumente interpretado tendo como suporte os estudos wittgensteinianos, em virtude do seu diálogo sobre o que significam as palavras (SHIBLES, 1974).

Filosofia da linguagem à parte, isto é, voltando nosso olhar à lógica simbólica, nos excertos a seguir discutiremos como algumas palavras, na literatura carrolliana, incorporam em si os operadores lógicos de negação e conjunção. Obviamente, nossa discussão não pretende esgotar a temática, uma vez que foram escolhidas para compor esta análise apenas

¹³ Poeta e ensaísta francês (1915-1997).

algumas palavras de determinadas obras. Ao leitor, fica a indicação e o convite para que procure outras nas mesmas ou em diferentes histórias.

- Negação

Quando Alice conhece a Rainha Branca, no capítulo 5 de *Através do Espelho e o que Alice Encontrou Lá*, a menina acabara de encontrar o xale da monarca, o qual viera voando ao vento. A partir daí, dá-se o seguinte diálogo:

“Foi uma sorte eu estar no caminho”, disse, enquanto a ajudava a pôr o xale de novo.

A Rainha Branca olhou-a com uma expressão de incontrolável pavor e ficou repetindo para si mesma, num sussurro, algo que soava como “pão com manteiga, pão com manteiga”, e Alice percebeu que, se era para haver alguma conversa, ela mesma tinha de se encarregar disso. Assim, começou, bastante tímida: “Estou me endereçando à Rainha Branca?”

“Bem, sim, se você chama isto de adereçar”, a Rainha disse. “Não é a *minha* ideia da coisa, em absoluto.”

Alice, pensando que não convinha discutir logo no início da conversa, sorriu e disse: “Se Vossa Majestade tiver a bondade de me dizer qual é a maneira certa de começar, farei isso da melhor maneira.”

“Mas não quero que seja feito de maneira alguma!”, gemeu a pobre Rainha. “Faz duas horas que estou me **desadereçando**.” (CARROLL, 2002, p. 187, grifos nossos).

Ainda que Carroll faça um trocadilho entre “endereçar-se”, no sentido de dirigir-se a alguém, e “adereçar”, na acepção de enfeitar, o que nos interessa aqui é a nova palavra que ele cria: *desadereçar*. Tal palavra não existe, mas ela é a negação de *adereçar*. Portanto, se tomássemos “adereçar” como uma fórmula bem formada, podemos pensar na seguinte relação:

$$A = \text{adereçar} \rightarrow \sim A = \text{desadereçar}$$

Outro exemplo semelhante se percebe no capítulo 6 do mesmo livro, quando a menina conversa com Humpty Dumpty. Como ele tem a forma de um ovo, Alice não sabe se o que está atado à sua cintura é um cinto ou uma gravata:

“É uma... coisa... *extremamente... irritante*”, disse por fim, “que uma pessoa não saiba distinguir uma gravata de um cinto!”

“Sei que é muita ignorância minha”, disse Alice, num tom tão humilde que Humpty Dumpty abrandou.

“É uma gravata, criança, e uma bela gravata, como você diz. Foi um presente do Rei e da Rainha Brancos. Que me diz agora?”

“Foi mesmo?”, perguntou Alice, muito contente ao ver que *tinha* escolhido um bom assunto afinal de contas.

“Deram-me a gravata”, Humpty Dumpty continuou, pensativo, enquanto cruzava os joelhos e punha as mãos em volta deles, “deram-me... como um presente de **desaniversário**” (CARROLL, 2002, p. 203).

Humpty Dumpty explica à menina, em prosseguimento, as vantagens de se comemorar desaniversários, pois há 364 dias disponíveis para festejá-lo em um ano enquanto que, para o aniversário, há apenas um. Sendo assim, podemos estabelecer a relação entre uma proposição e sua negação como sendo do tipo:

$$A = \text{aniversário} \rightarrow \sim A = \text{desaniversário}$$

Vale ressaltar que as negações não são artimanhas ou erros de tradução para a edição em língua portuguesa; são, sim, palavras criadas por Carroll que, ao mesmo tempo em que brincam com a linguagem, carregam em si a estrutura lógica de negarem sua sentença afirmativa. No primeiro exemplo, Carroll transforma “addressing” (endereçando-se) em “a-dressing” e, no segundo, “birthday” (aniversário) em “un-birthday”. Tanto “a-dressing” quanto “un-birthday”, palavras inexistentes na língua inglesa, são criadas pelo escritor através do uso de prefixos que usualmente constituem palavras de negação neste idioma. De certo modo, Carroll apoia-se na gramática de seu idioma para inventar a negação de termos afirmativos.

- Conjunção

As palavras que trazem em si o operador da conjunção são aquelas chamadas de palavras-mala. Também chamadas de palavras-valise, são aquelas inventadas por Carroll pela junção de duas ou mais palavras que, ao amalgamarem seu significado, criam outro novo. A ideia de “mala” ou “valise” diz respeito ao fato de se colocar uma palavra dentro da outra, como os conjuntos de malas ou valises podem ser guardados quando são comprados completos, com peças de vários tamanhos. Desta forma, as palavras-mala são a união perfeita entre linguagem e lógica simbólica.

Presentes em várias obras do autor, é no poema nonsênsico *A Caça ao Turpente* (*The Hunting of the Snark*¹⁴) que elas podem ser encontradas em profusão. O título já apresenta uma, sobre a qual Carroll certa vez declarou: “Quanto ao significado de Snark? Receio que

¹⁴ Publicado originalmente em 1876.

não queira dizer nada, que não passe de coisa sem sentido!” (CARROLL apud GARDNER, 2006, p. xxxii). O que se sabe sobre o turpente é que ele é um monstrengo que um grupo de amigos incomuns deseja caçar.

Estudiosos carrollianos que tentaram decifrar este enigma, o qual foi deixado de lado pelo próprio autor da obra, sugerem que *snark* seja a junção de *snake* (cobra, substituída aqui por serpente¹⁵) e *shark* (tubarão), de onde vem o *Turpente* da versão brasileira. Contudo, o interessante destes neologismos carrollianos é perceber que a

palavra-mala estabelece equivalência às afirmações lógicas do tipo $A \wedge B$ pois, afirmando a existência de uma parte da palavra-mala, tem-se automaticamente a existência da outra, e esta coexistência afirma, sobre o que se fala, duas informações que, coadunadas, falam da coisa algo distinto do que sealaria dela se a ela fosse atribuída apenas uma destas informações (MONTITO, 2019, p. 84).

No quadro a seguir, aparecem alguns exemplos, extraídos da excelente tradução de Alvaro A. Antunes para a edição brasileira de *A Caça ao Turpente* (CARROLL, 1984).

Palavra-mala original	Explicação	Tradução
galumphing	Segundo o Oxford English Dictionary, é a união de <i>gallop</i> (galopar) e <i>triumphant</i> (triumfalmente)	Considerando a flexão verbal do verso em que aparece, <i>galunfava</i> (<i>galopar</i> \wedge <i>triumfava</i>)
frumious	No prefácio de <i>A Caça ao Turpente</i> , Carroll a define pela junção de <i>fuming</i> (de <i>fume</i> , encolerizar-se) e <i>furious</i> (furioso)	Enfuriado (<i>enfurecido</i> \wedge <i>furioso</i>)
mimsiest	Humpty Dumpty já a tinha definido em <i>Através do Espelho e o que Alice Encontrou Lá</i> : a junção de <i>miserable</i> (miserável) e <i>flimsy</i> (frívolo, frágil)	Misfrágeis (<i>miserável</i> \wedge <i>frágeis</i>)

Quadro 1 – Exemplos de palavras-malas de *A Caça ao Turpente*
Fonte: elaborado pelo autor, a partir de Carroll (1984)

A leitura atenta das palavras destacadas no quadro 1 deixa claro que a linguagem, para Carroll, não servia apenas para representar o real como, também, para atribuir realidade às coisas inexistentes. Muito além da questão atinente aos jogos de palavras e à estrutura

¹⁵ Ressaltamos que a diferença entre *cobra* e *serpente* pode fazer com que o leitor crie, em sua imaginação, animais distintos. Esta distorção, que é uma consequência da tradução, não chega aqui a criar um problema, pois o monstrengo não aparece em nenhuma ilustração do livro e sua forma fica a cargo da criatividade do leitor.

narrativa, as palavras-mala abrem espaços para discussões ontológicas, uma vez que o leitor, quando se depara com elas, cria representações mentais e significados para aquilo que, até então, inexistia linguística e objetivamente.

Considerações finais

As obras de Carroll são mais facilmente compreendidas quando colocadas lado a lado, isto é, olhar para a diversidade dos seus escritos permite ao pesquisador descobrir sutilezas que aparecem neles, independentemente do seu formato.

Este texto, que fala da inter-relação entre lógica formal e literatura a partir da análise das palavras formadas pela negação da existente ou pela conjunção de duas palavras distintas, não se limita em si mesmo. Só nos foi possível pinçar estes significados devido aos múltiplos estudos que fizemos sobre as obras carrollianas na última década, o que nos revelou que, desde tenra idade, Carroll estava em contato com elementos da lógica simbólica, área que ele viria a ampliar e ensinar na sua vida adulta.

As palavras, que têm como substrato a característica de nomear ou apontar para algo real, ganham outra dimensão nos escritos carrollianos, apresentando ao leitor combinações desconhecidas. De certo modo, elas se associam à lógica proposicional, uma vez que a estrutura de uma proposição pode ser desconhecida e, mesmo assim, ser negada ou conectada a outra pelo uso da conjunção.

Ao final, deixamos uma citação provocadora que convida o leitor a buscar outras relações entre filosofia e literatura, a aproximá-las toda vez que for possível em suas pesquisas, pois a aproximação de campos de saberes distintos sempre revela elementos que não conseguimos ver quando os tratamos separadamente. Apesar de a citação fazer referência a apenas uma das aventuras de Alice, nossas pesquisas prévias nos permitem convidar o leitor a conhecer e estudar outras obras carrollianas, pois todas se abrem a múltiplas interpretações.

Filosofia e literatura são como irmãos rivais: o laço de parentesco entre elas as aproxima, mas ambas aspiram ao título de melhor representante da imagem que nos apresenta o mundo, uma pela imagem criativa, outra pela explicação racional, tendo como matéria comum a linguagem.

Desta maneira, o pensamento dos escritores e dos filósofos tendem a jorrar de uma mesma fonte da qual as águas se separam em dois rios que, às vezes, confluem em um vasto oceano. É assim que é a obra de Lewis Carroll. Se Alice no País das Maravilhas o fez passar à posteridade, ignora-se em compensação que a maior parte de seus escritos embasam-se na matemática e na lógica (THÉRIAULT, 2007).

Referências bibliográficas

ÁVILA, Myriam. **Rima e Solução: a Poesia Nonsense de Lewis Carroll e Edward Lear**. São Paulo: Annablume, 1996.

CARROLL, Lewis. **Symbolic Logic**. Nova Iorque: Clarkson N. Potter Inc. Publishers, 1977.

CARROLL, Lewis. **El Juego de la Lógica**. Tradução de Alfredo Deaño. 4. ed. Madri: Alianza Editorial S. A., 1980.

CARROLL, Lewis. **A Caça ao Turpente**. Tradução de Alvaro A. Antunes. Além Paraíba: Interior Edições, 1984.

CARROLL, Lewis. **Alice: Edição Comentada**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CARROLL, Lewis. **The Complete Stories and Poems of Lewis Carroll**. New Lanark: Geddes & Grosset, 2005.

COHEN, Morton N. **Lewis Carroll: uma Biografia**. Tradução de Raffaella de Filippis. São Paulo: Record, 1998.

LEITE, Sebastião Uchôa. **Crítica Clandestina**. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1986.

GARDNER, Martin. *Preface to the Centennial Edition*. In: CARROLL, Lewis. **The Annotated Hunting of the Snark: the Definitive Edition**. Nova Iorque: Norton, 2006, pp. xxvii-xli.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. *Ceci n'est pas un article: impressões fragmentadas sobre Arte e Educação Matemática*. In: **Zetetiké**. v. 23, n. 43, 2015, pp. 11-32.

LINDEMANN, John Lennon. **A Lógica de Lewis Carroll**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2017.

MONTOITO, Rafael. **Euclid and his Modern Rivals (1879), de Lewis Carroll: Tradução e Crítica**. Tese de doutorado – Pós-Graduação em Educação para a Ciência. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2013.

MONTOITO, Rafael. *Em Defesa de Euclides: um Ensaio sobre Euclides e seus Rivais Modernos, de Lewis Carroll (1879)*. In: GARNICA, Antonio Vicente Marafioti; MARTINS-SALANDIM, Maria Edneia (Org.). **Livros, Leis, Leituras e Leitores: Exercícios de Interpretação para a História da Educação Matemática**. Curitiba: Appris, 2014, pp. 177-222.

MONTOITO, Rafael. *Citar ou não Citar, Eis a Questão (ou A Inusitada União Literária de Shakespeare e Lewis Carroll para Defender Euclides)*. In: **Boletim Cearense de Educação e História da Matemática**. v. 4, n. 11, 2017, pp. 49-68.

MONTOITO, Rafael. **Lógica e Nonsense nas Obras de Lewis Carroll**: Silogismos e Tontogismos como Exercícios para o Pensamento. Pelotas: Editora do IFSul, 2019.

PANERO, Leopoldo María. *Prólogo*. In: CARROLL, L. **Matemática Demente**. Barcelona: Tusquets Editores, 2002, pp. 11-67.

SÁNCHEZ-RODRIGO, Carlos Miguel. *Prólogo*. In: CARROLL, Lewis. **El Paraguas de la Rectoría / Cajón de Sastre**. Barcelona: Parsifal Ediciones, 1998, pp. iii-xii.

SHIBLES, Warren. **Wittgenstein, linguagem e filosofia**. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1969.

THÉRIAULT, MéliSSa. **Lewis Carroll**: Tenir Hors de la Portée des Enfants. Disponível em: <http://www.uqam.ca/~philo/portail/pourquoi/pourquoi3_3_03.html>. Acesso em 18 abr. 2007.